

SELO E TEXTOS

DOS BILHETES POSTAIS DA COLECÇÃO

«CONHEÇA OS SEUS PROSADORES»



P.e VIEIRA

[A SAUDADE]

Ea suidade . . . é um sentido do coração, que vem da sensualidade e nom da razom . . . E porém me parece êste nome de suidade tão próprio, que o latim, nem outra linguagem, que eu saiba, nom é para tal nome semelhante.

EL-REI D. DUARTE

(Séc. xv)

Do Leal Conselheiro

sensualidade=sensibilidade

[PRÓLOGO DE CRÓNICA]

Se outros per ventura em esta crónica buscam fremosura e novidade de palavras, e nom a certidom das estórias, desprazer lhe há do nosso razoado . . . , mas nós, nom curando de seu juízo, leixados os compostos e afeitados razoamentos, antepoemos a simprez verdade que a afremosentada falsidade . . . Que lugar nos ficaria para a fremosura e afeitamento das palavras, pois todo nosso cuidado . . . nom abasta para ordenar a nua verdade?

FERNÃO LOPES

(Séc. xv)

[LOUVOR DA LINGUAGEM]

As armas e padrões portugue-
ses postos em África e em Ásia, e
em tantas mil ilhas fora da reparti-
ção das três partes da Terra, mate-
riais são e pode-os o tempo gastar;
porém não gastará doutrina, costu-
mes, linguagem, que os portugue-
ses nestas terras deixarem.

JOÃO DE BARROS

(Séc. XVI)

*Do Diálogo em louvor
da nossa Linguagem*

[O INFANTE EM SAGRES]

Eo que mais animava o Infante nesta emprêsa foi contar-lhe Gileanes como saíra em a terra sem achar gente, e que, em sinal de não ser tão estéril como as gentes diziam, trazia ali a sua mercê umas ervas que se pareciam com outras que cá no reino chamam rosas de Santa Maria... O Infante as cheirava... como se fôra algum fruto da terra da Promissão...

JOÃO DE BARROS
(Séc. xvi)

Das Décadas

[ENTÉRRO DE ALBUQUERQUE
EM GOA]

Os capitães o levaram assentado na cadeira, pôsto sôbre um palanquim, e seu alferes lhe levava a bandeira diante . . . Cristãos e gentios diziam que Deus o havia lá mister para guerras, e por isso o levava. Todos diziam grandes lástimas, e, quando se achavam agravados, vinham a chamar e bradar por êle, que lhe fizesse justiça . . .

GASPAR CORREIA

(Séc. XVI)

Das Lendas da Índia

[PORTUGUESES NO JAPÃO]

Diogo Zeimoto tomara por pas-satempo atirar com uma espingarda. Os japões, vendo aquêlê novo modo de tiros que até então nunca tinham visto, deram disto rebate ao Nautaquim... ..A der-radeira vez que me lá mandou o Vice-Rei..., no ano de 1556, me afirmaram que naquela cidade de Fucheo havia mais de trinta mil [espingardas]. E por aqui se saberá que gente esta é, e quão inclinada por natureza ao exercício militar.

FERNÃO MENDES PINTO

(Séc. XVI)

Da Peregrinação

[NOVAS ESTRÊLAS]

Os Portugueses ousaram cometer o grande mar Oceano. Entraram por êle sem nenhum receio. Descobriram novas ilhas, novas terras, novos mares, novos povos; e, o que mais é: novo céu e novas estrêlas.

Ora manifesto é que êstes descobrimentos não se fizeram indo a acertar . . .

PEDRO NUNES

(Séc. xvi)

*Do Tratado em defensão
da Carta de marear*

DA «HISTÓRIA TRAGICÒ-MARÍTIMA»

... e foi tanta a necessidade da fome que padecíamos, que alguns dos nossos companheiros se foram a Jorge de Albuquerque, ... lhes desse licença para comerem os que morriam. Abriu-se a alma a Jorge de Albuquerque de lástima e compaixão, ... porque, enquanto êle fôsse vivo, tal não havia de consentir, e que, depois dêle morto, podiam comê-lo a êle primeiro.

*(Naufrágio que passou Jorge de
Albuquerque Coelho, vindo do
Brasil, em 1565)*

[NA SOCIEDADE DE MIGUEL ÂNGELO]

Itália . . . sòmente daqueles fala e até o céu alevanta a que chama *águias* . . . Nós-outros, os Portugueses, inda que alguns naçamos de gentis engenhos e espíritos, como nadem muitos, todavia temos por desprêzo e galantaria fazer pouca conta das artes.

Espero, chegando a Portugal, que eu ajude ou na elegância do edificar, ou na nobreza da pintura . . .

FRANCISCO DE OLANDA

(Séc. XVI)

Dos Diálogos da Pintura Antiga

[DEPOIS DE ALCACER-QUIBIR]

No tempo destas vossas grandes tribulações me fêz Deus a mercê, sem lho merecer, de me fazer nesta Berberia participante dos trabalhos dos que, pela glória do seu santo nome, estavam cativos . . . Cometi esta obra havendo por indústria e muito segrêdo papel e tinta, e escrevendo as mais das vezes sem mais luz que a que entrava por grêtas da porta . . .

FR. TOMÉ DE JESUS

(Séc. XVI)

Dos Trabalhos de Jesus

[OS HOMENS E AS SEARAS]

Assim como as espigas quanto mais gradas e carregadas estão tanto mais se abaixam e inclinam, e, pelo contrário, quanto mais leves e vazias estão tanto mais se endireitam e levantam para cima, assim quanto mais cheios estão os homens de virtude e bom saber tanto mais se humilham e abatem, e quanto mais vazios disto estão tanto mais se levantam e ensoberbecem.

FREI HEITOR PINTO

(Séc. XVI)

Da Imagem da Vida Cristã

[FEITIO DOS PORTUGUESES]

São os portuguezes de seu natural tão livres de língua para dizerem o que sentem a seus Reis nas ocasiões de honra, como sujeitos a darem a vida por êles a todo o tempo.

FREI LUÍS DE SOUSA

(Séc. xvii)

Dos *Anais de D. João III*

[O MODO DE ESCREVER]

Eu tenho para mim que aquela é melhor escritura que, com mais perfeição e viveza, imita a prática e conversação dos homens; porque assim como a melhor pintura é a que mais se parece com a obra da natureza . . ., assim a melhor escritura é a que imita com mais semelhança a fala . . .

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

(Séc. XVII)

Da Côrte na Aldeia

[A SAÛDADE]

Amor e ausência são os pais da saúde; e como nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens ocasionam as maiores ausências, de aí vem que onde se acha muito amor e ausência larga, as saúdes sejam mais certas. É a saúde uma mimosa paixão da alma . . . É um mal de que se gosta, e um bem que se padece.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

(Séc. xvii)

Das *Epanáforas*

SANTO ANTÓNIO

E se António era luz do mundo, como não haveria de sair da pátria? Saiu como luz do mundo e saiu como português. Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o nascimento, e tantas terras para sepultura.

Para nascer, Portugal; para morrer, o mundo.

P.^o ANTÓNIO VIEIRA

(Séc. XVII)

Dos *Sermões*

EXCERTOS DE SERMÕES

Os judeus adoram o bezerro de oiro; os cristãos adoram o oiro, ainda que não seja tão pesado como o bezerro.

A natureza, como mãe, desde o rei ao escravo, a todos fêz iguais, a todos livres.

Se servistes a pátria, que vos foi ingrata, vós fizestes o que devíeis, ela, o que costuma.

P.^o ANTONIO VIEIRA

(Séc. XVII)

[O HOMEM E O MUNDO]

Que coisa é o homem neste mundo? Comediante no tablado, hóspede na estalagem, uma candeia exposta ao vento, padecente caminhando para o suplício. ¿Que são as honras e dignidades? Essa real: por fora brasões e telas e luzes; por dentro ripas de pinho, e lixo.

P.^o MANUEL BERNARDES

(Séc. XVII)

De Luz e calor

DAS «VIAGENS
NA MINHA TERRA»

Togados manes dos antigos desembargadores, . . . ó respeitáveis sombras, se dêsse limbo onde estais . . . vêdes êste degenerado e espúrio sucessor vosso, em calças largas, fraque verde, chapéu branco, gravata de côr, chicotinho de *caoutchouc* na mão . . . Oh! que direis vós! Com que justo desprêzo não olhareis! . . .

ALMEIDA GARRETT

(Séc. XIX)

D. AFONSO HENRIQUES

A simpatia que, em todos os séculos, a gente portuguesa mostrou pelo filho do Conde Henrique, torna-se respeitável . . . Este affecto nacional chegou a attribuir a Afonso Henriques a auréola dos santos . . . Outra religião, também veneranda, a da pátria, nos ensina que, ao passarmos pelo pálido e carcomido portal da igreja de Santa Cruz, vamos saüdar as cinzas daquele homem, sem o qual não existiria hoje . . ., porventura, nem sequer o nome de Portugal.

ALEXANDRE HERCULANO

(Séc. XIX)

Da História de Portugal

[LOUVOR DOS CLASSICOS]

O natural, o belo simples dos séculos que o senso comum do género humano canonizou e ainda hoje adora por clássicos, afigura-se agora a esta mocidade, não sem talento, mas sem doutrina, sem estudo e sem disciplina, uma pobreza e uma impotência: Impotência de Vergílio! Pobreza de Racine!

A. F. DE CASTILHO

(Séc. XIX)

Do prefácio duma *Selecta*

DUMA CARTA A UM MÉDICO

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa neste país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego.

CAMILO CASTELO BRANCO

(Séc. XIX)

[MUSEU NAVAL]

É notória desde o século XVI a aptidão artística que distingue o nosso marinheiro em tôdas as pequenas indústrias de bordo... Com essa fantástica riqueza de documentos marítimos, assombro de todos os outros povos, é verdadeiramente inacreditável que em Portugal não haja um museu naval.

RAMALHO ORTIGÃO

(Séc. XIX)

De O Culto da Arte em Portugal

[OS LIVROS E AS NAÇÕES]

A Arte é tudo — tudo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a immortalidade de um povo. Leônidas ou Péricles não bastariam para que a velha Grécia ainda visse, nova e radiosa, nos nossos espíritos: foi-lhe preciso ter Aristófanes e Ésquilo. Tudo é efémero e ôco nas sociedades — sôbre tudo o que nelas mais nos deslumbra. ¿Podes-me tu dizer quem foram no tempo de Shakespeare os grandes banqueiros e as formosas mulheres?

EÇA DE QUEIROZ

(Séc. XIX)

Do prefácio dos *Azulejos*

HERCULANO

Tornou-se o remorso vivo de uma nação degenerada. É neste momento que as coisas levam o génio de Herculano a definir-se na sua pureza; e é por isso que, ao extinguirem-se-lhe as ilusões políticas, principia a tornar-se um tipo característico da nossa vida contemporânea. Pode dizer-se que, ao morrer para o mundo, nasce para a história.

OLIVEIRA MARTINS

(Séc. XIX)

Do Portugal Contemporâneo



[A CASA PORTUGUESA]

Ah meus amigos! a casa portuguesa merecia bem o trabalho de a ressurgirem do desprezo injusto em que caiu, e ser erguida outra vez, com tradicionais motivos genuínos . . ., nas mil variantes que a fantasia dum artista descobre entre a baiúca alpendrada do rabuzano beirão, vestido de saragoça, e o palácio português do século XVII, de brasão carrancudo . . .

FIALHO DE ALMEIDA

(Séc. XIX)

De *A esquina*

[A POESIA E A NAÇÃO]

O Lirismo é para nós a suprema razão do orgulho, da consolação e da fé. O mito nacional do Sebastianismo condensa o lirismo colectivo do povo na sua expressão de esperança sem fim, de que vivemos ainda hoje.

E a própria nacionalidade assenta sobre um Poema que demoraria eterno nos seus ritmos oceânicos, mesmo que nós, descendentes dos Lusíadas que ele canta, desaparecemos do atlas moral.

AFONSO LOPES VIEIRA
(Séc. XX)

De Em demanda do Graal
